

O martírio do sobrevivente do metrô

Condenado a ter vida vegetativa, carteiro atingido pelo bate-estaca recebe alta em dez dias. Família pobre não tem como assisti-lo

Ana Júlia Pinheiro
Da equipe do **Correio**

Sem o braço esquerdo, mudo, paralisado e cego. O carteiro José Ribamar Moreira da Silva, 35 anos, sobrevive em estado vegetativo ao acidente na obra do Metrô, em 17 de fevereiro deste ano. O bate-estaca da empresa Geoservice despencou em cima do ônibus que passava pela Avenida Elmo Serejo. Uma parte do

equipamento — a torre, que pesa três toneladas — esmagou o banco no qual José estava sentado.

Depois de três meses entre a Unidade de Tratamento Intensivo e o quarto do Hospital Brasília (antigo Golden Garden), José Ribamar deverá voltar para casa daqui a dez dias.

“Como é a gente vai cuidar dele? Só o fisioterapeuta pediu R\$ 600,00 para ir em nossa casa todos os dias. O salário de meu marido é R\$ 350,00”, conta Neri de Jesus da Silva, casada com Ribamar há 15 anos.

As despesas hospitalares correm por conta do convênio da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT). Mas Neri não sabe como vai fazer quando José Ribamar receber alta. Ontem ele respirava sem ajuda de aparelhos no quarto do hospital. “Só o líquido da sonda do nariz por onde ele se alimenta custa R\$ 150. E ainda tem o dinheiro para comprar as fraldas des-

cartáveis, a cadeira de roda, o colchão especial”, faz as contas.

A família entrou com pedido de indenização na Justiça contra o Consórcio Brasmetrô, o núcleo que responde pelas empresas que constroem o Metrô de Brasília. “Vou conseguir tudo o que o meu marido precisa”, acredita Neri. Enquanto isso, ela reza. “Tem um médico maior que é Deus, que pode curar ele. Mas os neurologistas do hospital já me desenganaram: os neurônios não voltam a funcionar.”

“TEM HORA QUE ELE ABRE O OLHO, FAZ JEITO DE RISO, MAS TEM HORA QUE PENSO QUE É COISA DA MINHA CABEÇA. OS MÉDICOS JÁ DESENGANARAM”

Neri de Jesus da Silva
mulher de José Ribamar

Neri. O relações públicas do Consórcio Brasmetrô, Fernando Assis, diz que as acusações não têm fundamento. “A empresa esteve ao lado da família desde a transferência dele do Hospital de Base para o Hospital Brasília. Foram assistidos em tudo o quanto precisaram.”

O laudo da perícia do acidente foi divulgado na noite de terça-feira pelo Instituto de Criminalística da Polícia Civil. O trabalho levou 71 dias para ficar pronto. Nas conclusões, os peritos apontam falhas graves de segurança na obra e falha do operário que trabalhava com o bate-estaca.

Joédison Alves



José Ribamar (ao lado da mulher, dos filhos, da irmã e da mãe) é o único sobrevivente entre os passageiros do ônibus que foram atingidos pelo bate-estaca

De acordo com o laudo, estaria faltando no equipamento uma corrente de segurança para segurar a máquina em circunstância semelhante àquela do acidente: a parte que bate no chão (torre) não se encaixou na base, chamada de perfil. Torre e perfil, que juntos pesam 10 toneladas, despencaram sobre o ônibus.

Os peritos concluíram ainda que a posição do bate-estaca no canteiro de obras era inadequada. O engenheiro responsável pela Geoservice, Humberto Flecha, diz que não tem condição de questionar o laudo por-

que ainda não leu o documento de 104 páginas.

SOBREVIVENTE

O carteiro José Ribamar foi o único a sobreviver entre os quatro passageiros sentados nos dois últimos bancos do ônibus da Viação Sol que seguia para Taguatinga no momento do acidente. Maria Fely Silva, que trabalhava com ele na agência dos Correios, o policial militar Antônio Donizete Moraes e João Pereira da Silva, funcionário do Sesc, morreram na hora.

José Ribamar sustentava a mulher

e os dois filhos, Thiago, 12 anos e Fábio, 11, com o salário de carteiro e as roupas que comprava em São Paulo para revender na lojinha que funcionava em sua casa, no Setor P Norte de Ceilândia. Neri acabou com a loja desde o acidente porque ele precisa de alguém da família observando seu estado as 24 horas do dia.

Durante todo o dia de ontem, a mãe de José Ribamar, dona Rosa, que mora no Maranhão, e a irmã dele, Domingas da Silva, ficaram ao seu lado na cama do hospital. “Não sei como vai ser para cuidar dele. Aqui em

Brasília só tem eu de parente. Trabalho fora, não sei como vai ser para ajudar minha cunhada”, preocupase a irmã.

O carteiro e a mulher se conheceram e casaram em São Luís do Maranhão. Chegaram em Brasília no ano em que nasceu Thiago, 1976, e José Ribamar passou no concurso para carteiro. “No dia do acidente, quando ouvi as notícias no rádio desconfieei que era ele. Foi a primeira vez, nestes anos todos, que não ligou do trabalho para perguntar pelas crianças”, lembra Neri.